



# gente pontoserpro

A gente se encontra aqui.

Revista Interna Nº 22 - Dez/Jan 2013

• **MULHERES SE DESTACAM NO CONSERPRO**

Nas nove edições do evento houve empregadas premiadas pelos seus trabalhos

• **CLÁSSICOS NO ANDARAÍ**

Grupo de leitura movimentada a Supde carioca

• **CIDADE DO CAJU**

Escritório de Aracaju foi fundado há 32 anos com três pessoas

## EM NOVO ENDEREÇO

A experiência de colegas que mudaram de Estado para trabalhar no Serpro

# “EU NÃO SOU DAQUI...

*... mas já me sinto em casa”. Conheça histórias de colegas que migraram para trabalhar no Serpro*

Tiago saiu de Salvador para Recife, enquanto Lorena fez trajeto invertido: Recife-Salvador. Dali da capital baiana partiu Antônio rumo a São Paulo – cidade que “perdeu” sua moradora Raquel para Belo Horizonte. Esse zigzague pelo mapa do Brasil é o mote desta matéria GPS: traçar um instantâneo das experiências de quem mudou de cidade para vir trabalhar na empresa.

Os colegas trafegam na contramão dos movimentos migratórios atuais, monitorados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conforme dados divulgados em 2012, diminuíram, e tendem a continuar diminuindo, os deslocamentos da população interna. Agora, a tendência é de deslocamentos entre municípios de um mesmo estado ou migrações de retorno de moradores a seus estados de origem.

Ignorando essas ondas, uma coisa é certa: muitos candidatos que se preparam para o próximo concurso do Serpro já sonham em mudar não só de emprego, mas também de ares, confiantes que se darão bem em uma regional do Serpro localizada em um lugar um tanto longe daquele onde moram hoje. E os depoimentos dos colegas indicam que essa tende a ser uma boa aposta. Confira. ■



■ Curitiba → Florianópolis  
Mudança pouca é bobagem

O ano de 1987 trouxe muitas mudanças à Cleuza de Fátima Lima Maia da Silva. Ela mudou de local de trabalho, estado civil, escolaridade e cidade em alguns dias. Empregada da Regional Curitiba, foi-se para Florianópolis devido ao seu casamento com o também empregado Carlos Augusto Maia da Silva. “A gente se conheceu nas conversas de trabalho. Quando dava algum problema nos rolos de fita, nos falávamos por um telefone direto e um tipo de chat que existia na época. Tudo era muito arcaico”, relembra.

Cleuza conta que os dias que antecederam a mudança foram uma loucura. “Conciliar o trabalho com formatura, preparativo para o casamento e mudança de cidade”. O casamento aconteceu no dia 26 e a mudança no dia de 27 dezembro. E depois da tempestade veio a calmaria. A transferência demorou 30 dias, nos quais ficou à toa. “Ligava para minha mãe todos os dias”, comenta. O casal completou 25 anos de casamento e tem dois filhos: Breno e Rhaiza.



■ São Luís → Belém  
Cardápio ampliado

Radicado em Belém desde 2010, o maranhense Tiago Arrais, responsável pela comunicação na regional, conta que já se sente paraense do coração. Essa não é a primeira vez que o colega mora na cidade. Em 2006, teve uma passagem por Belém antes de ser transferido para Macapá, no seu antigo emprego em uma companhia de telefonia. Após três anos na cidade, Tiago se diz totalmente ambientado.

“Aprendi a gostar de Belém. Confesso que no começo foi um pouco complicado, pois apesar da proximidade geográfica com São Luís, Belém apresenta traços culturais singulares”, explica o colega.

A identificação com a cidade é tamanha que Tiago já adotou um time do coração, o Paysandu e incorporou à sua dieta pratos típicos da culinária paraense, como o açaí com peixe frito e o famosíssimo tacacá, um caldo feito com tucupi, jambu (erva local), camarão seco e pimenta-de-cheiro.



■ Ilhéus → Recife  
"Vamos bater o baba?"

“Da terra de Nacib e Gabriela sinto falta da família e de outras lembranças: da infância nas ruas no bairro do Pontal, das lanternas de lata que construíamos nos dias de apagão, da praia com meus cachorros, dos caminhões de madeira, das guerras de tampilha e mamona...”, empolga-se Tiago Palmeira, analista de redes natural de Ilhéus (BA), que foi para o Recife.

Se antes o sotaque o diferenciava, hoje o pernambucês está devidamente assentado. “Depois de viajar o país e casar com uma pernambucana, meu sotaque virou nacional” diverte-se Tiago.

“No início, os colegas ficavam assustados quando eu os chamava para bater o baba – até eu explicar que se tratava de jogar bola”, lembra. Mas agora a vida na capital pernambucana já se solidificou. “Respirar a cultura da cidade sintetizada nas ruas do Recife Antigo ou passear pela orla de Boa Viagem é meu programa de domingo” completa Tiago.



■ São Paulo → Belo Horizonte  
Realização Profissional

Nascida na capital de São Paulo e residente na cidade de São Carlos, Raquel Cordioli viu sua vida mudar quando foi convocada pelo Serpro para trabalhar como designer instrucional. Isso porque seu novo local de trabalho envolvia mudança de Estado. “A decisão de vir para Belo Horizonte foi tranquila. Eu tinha grandes expectativas em trabalhar em uma empresa pública e em uma função na qual poderia colocar em prática muito daquilo que aprendi durante minha formação”, explica.

Segundo ela, as maiores dificuldades vividas atualmente são a falta de tempo e os altos custos para rever o marido e família com frequência. Mas Raquel ressalta que está feliz com a escolha, seja pelo trabalho que desempenha, pelos novos amigos que fez ou pela cidade que continua a conhecer cada vez mais: “Adoro Belo Horizonte. É uma cidade linda, ótima para passear e com muitas opções culturais”, conta a analista da Uniserpro.



■ Recife → Salvador  
Exercício de autoconhecimento

Nascida em Araripina, cidade do sertão pernambucano a 700km de Recife, Lorena Castro decidiu, em 2004, acompanhar o noivo, que rumava para a Bahia. Nessa época, ainda trabalhando na capital pernambucana, ela prestou o concurso para o Serpro com vaga para Salvador. Aprovada e convocada, sua vida deu uma reviravolta, tendo que se adaptar a uma nova realidade, ainda sem amigos locais e pouco conhecendo da cidade.

“Foi difícil, mas essa experiência traz amadurecimento, faz você se conhecer melhor. É algo que impulsiona a se desenvolver”, reflete. Ela relata que foi marcante o acolhimento na sua chegada e também o cuidado que o Serpro tem com seus empregados.

Hoje, completamente adaptada, a analista da Supop não pensa em voltar para Recife e elege o Museu de Arte Moderna (MAM) e o Farol da Barra como seus locais preferidos na capital baiana.



■ Fortaleza → Porto Alegre  
Que venha o inverno

Casaco pesado, meias grossas e todo o arsenal contra o frio já fazem parte do guarda-roupa (ops, 'roupeiro', em bom gauchês) do fortalezense Lavoisier Vieira, lotado em Porto Alegre. Mas não foi assim em 2008, em seu primeiro inverno no sul. "Eu não me agasalhava direito e acredito que por isso peguei resfriado forte, de ficar de cama." Em 2009, o analista da Supop ficou ainda pior: teve faringite. Mas de lá para cá aprendeu a conviver com o frio mais rigoroso.

"Vim para cá com o sentido de desbravar. Gosto de mudanças", diz Lavoisier, que optou pela cidade quando prestou concurso. Já adepto do chimarrão, ele aprecia as estações bem marcadas do sul, que, segundo sua observação, influenciam o comportamento: "no frio o pessoal curte os encontros em casa, se reúne; chega o calor e vão todos para o litoral. Já na minha terra não tem esse contraste. Dizem que as quatro estações de lá são verão, mormaço, calor e chuva", brinca.



■ Goiânia → Curitiba  
Novas descobertas

Ivana Guimarães, hoje na Supgp, começou a trabalhar no Serpro há 27 anos, inicialmente no escritório de Goiânia. Pouco tempo depois, arrumou as malas para a sede, em Brasília. E há dois anos, mora em Curitiba. A mudança do quente Planalto Central para a gélida Curitiba tinha tudo para ser uma adaptação difícil, não fosse o fato dos significativos benefícios no trabalho e na compreensão de sua condição de possuidora de necessidades especiais auditivas.

Ivana aprendeu muitas coisas após ter chegado à cidade e à regional Curitiba: "Tive muito apoio em minha vida profissional desde que cheguei, sobre como usar o Expresso, por exemplo, e sobre minha futura aposentadoria", diz. Além disso, ela fez muitos amigos na turma de surdos, principalmente entre mulheres, da regional paranaense, coisa de que sentia falta: "Com elas, aprendi muita coisa de Libras que não sabia, embora de início não tivesse dificuldade de conversar", diz.



■ Recife → Brasília  
Sonho de infância

A menina Kika tinha 5 anos de idade e já frequentava o prédio da regional do Serpro na avenida Parnamirim, em Recife. Levada pelas mãos do pai, Maerbe Pina, técnico de rede aposentado em 1998, a garota se familiarizava com o ambiente em eventos promovidos pelos empregados e já naquela época acalentava o sonho de um dia trabalhar no Serpro.

Em 2008, Walkiria Pina Lins, a Kika, prestou concurso para o cadastro de reserva do Serpro. Ficou na expectativa de ser chamada, apesar de haver somente uma vaga para Brasília, lugar onde seu pé jamais haviam pisado: "A vontade que eu tinha de ser empregada do Serpro era tanta! Até que em setembro me chamaram e no dia 1º de outubro cheguei à Brasília para trabalhar." As naturais dificuldades de adaptação são superadas: "Comprei logo um umidificador de ar, por causa da seca. Zerei meu ponteiro, é como começar tudo de novo, me sinto muito feliz por realizar um sonho de infância".



■ São Paulo → Fortaleza  
Ele volta, mas sem querer

Wilson Barbosa está na “Terra do Sol”, como a capital cearense é conhecida, há dois anos. E o clima quente e praiano foi justamente uma das características da cidade que o atraiu. “Estava muito incomodado com as chuvas, o trânsito, com o caos urbano de São Paulo”, comenta ele, que prestou concurso para a área de desenvolvimento.

“Em São Paulo, eu fazia a parte administrativa em informática, como licitações de equipamentos. No Serpro, voltei a trabalhar com programação”, explica ele, que é formado em Ciência da Computação.

Sobre o futuro, adianta que pretende voltar para São Paulo, porque sua esposa mora lá. Mas as atrações cearenses vão ficar na memória. “Já fui às praias de Cumbuco, de Canoa Quebrada, à serra de Guaramiranga. Gosto de fazer passeios pela Praia de Iracema, ver exposições no Dragão do Mar. Conhecer a cidade é uma experiência que valeu para mim”, conclui.



■ Curitiba → Rio de Janeiro  
"Meu lugar ideal"

Nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Marden Leite trocou sua cidade pelo Rio de Janeiro para estudar Redes de Computadores. Formado, prestou concurso para uma vaga de analista de redes na Regional Curitiba. Convocado, arrumou as malas e mudou-se novamente. Mas em 2011, decidiu voltar ao Rio.

“Curitiba é uma cidade muito linda, mas o clima, sempre muito frio, me trazia problemas de saúde. E eu sentia muita falta da estrutura de vida que eu tinha aqui antes de ir para lá”, disse. Atualmente trabalhando no Horto, Marden dá dicas para os que pensam em mudar para a capital fluminense. “É bom sempre ter um planejamento, fazer um levantamento de gastos, pois o custo de vida no Rio tem subido muito.”

Questionado sobre futuras mudanças, Marden mostra-se decidido. “Acredito que aqui é o lugar ideal para mim”.



■ Salvador → São Paulo  
Saudade da Bahia e do Bahia

O baiano Antonio Alvim de Oliveira Filho era técnico em rede da Regional Salvador. Mas queria ser analista e, por isso, prestou de novo um concurso para o Serpro em 2010. Mas só havia vaga para o cargo em São Paulo. No fim de 2011, sem convocação, teve de optar pela transferência para São Paulo, a fim de acompanhar a carreira da esposa. Mas um ano depois, foi chamado para o novo cargo.

“O que causa mais impacto é a distância do trabalho e a redução do tempo livre disponível”, analisa Alvim. “Mas a escolha de bairro e casa semelhantes ao que tinham em Salvador foi vital”, diz o colega.

A experiência de ter morado em Londres de alguma forma ajudou a adaptação no que se refere ao clima. Mas de duas coisas sente bastante falta da Bahia: da família, e de ir com amigos ao estádio ver o Bahia, ocasiões em que exercitava seus dotes de fotógrafo profissional.

## SENTIMENTOS CLÁSSICOS MOVIMENTAM O ANDARAÍ

*Colegas da Supde do Rio de Janeiro montam grupo de leitura de textos clássicos*

Foi quando Beatriz Neto terminava seu mestrado que surgiu a ideia. “Estava muito cansada da leitura de tantos textos técnicos. Queria uma coisa mais abstrata. Senti falta de literatura”, comenta a analista da Supde do Rio de Janeiro. O passo seguinte foi convocar mais gente. “Chamei a Simone Garcia e dei a ideia de montarmos um grupo de leitura. Aí ela foi procurar os interessados”, conta.

Simone convidou algumas pessoas, ouviu sugestões para colaborar com a dinâmica do grupo e definiu ao modelo ideal. No final de 2011, nasceu o “Sentimentos Clássicos”, que agrega cinco pessoas. Além de Simone e Beatriz, o grupo também é formado por Eneida Melo, Kátia Pinheiro e Patrícia Veiga, todas da Supde.

“O grupo pode parecer pequeno, mas é o tamanho ideal. Como nós fazemos a leitura individualmente e



Conheça o blog do “Sentimentos Clássicos”:

<http://sentimentosclassicos.blogspot.com.br/>



Da esq. para dir., Beatriz, Simone, Eneida, Kátia e Patrícia durante encontro na Colombo

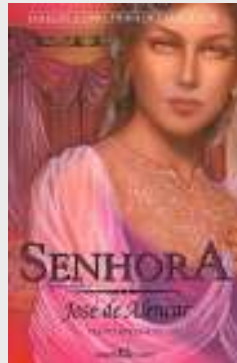
depois nos reunimos para discutir o livro, ficaria confuso com muita gente”, explica Simone. Ela diz também que chegar a uma dinâmica foi um processo complicado. “Desde o início, tínhamos decidido que iríamos ler os clássicos. Aí teve gente que veio sugerir Harry Potter. Nada contra, mas não era a proposta”, reclama Simone, que explica que os livros são escolhidos nas reuniões.

### Orgulho e Preconceito

O livro que “abriu os trabalhos” do “Sentimentos clássicos” foi “Orgulho e preconceito”, de Jane Austen. Em novembro de 2011, o grupo reuniu-se na Ases do Andaraí, para comentar o livro, que, curiosidade à parte, completa 200 anos da sua primeira publicação em 2013 e já teve inúmeras adaptações para cinema, teatro e televisão. ►

## Sentimentos passados

O grupo, em 2013, está lendo o sexto livro: Ana Karênina, do russo Liev Tolstói. Lançado em 1873, conta a história do caso extraconjugal da personagem título. Aristocrata, ela só descobre a felicidade quando conhece seu amante. O livro já teve cinco adaptações para o cinema.



No ano passado, o grupo leu “Senhora” (1875) e “O Retrato de Dorian Gray” (1890), além de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), de Machado de Assis, e “O Morro dos ventos uivantes”, romance único da escritora britânica Emily Brontë.

Em 2011, o grupo iniciou os trabalhos com “Orgulho e Preconceito”.



Grupo de passeios no CCBB

De acordo com Simone, a discussão foi tão interessante, que ela resolveu compartilhar o conteúdo em um blog. Nos comentários sobre o livro, ela destacou uma passagem que chamou sua atenção, no capítulo 5: “Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho se relaciona mais com a opinião que temos de nós mesmos, e a vaidade, com o que desejaríamos que os outros pensassem de nós”.

No blog, é possível verificar comentários sobre outros livros lidos pelo grupo. Um comentário de Simone sobre “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, é, no mínimo, engraçado. A respeito da frase “Mulher nenhuma é gênio, elas são decorativas”, limitou-se a dizer: “Que absurdo!”. Para Kátia, o machismo do trecho representa o contexto do mundo e época em que os personagens viviam.

## Passeios culturais

O “Sentimentos Clássicos” gerou uma cria: um outro grupo, sem nome, mas com a finalidade de fazer passeios culturais. Simone comenta que esse grupo não tem uma dinâmica amarrada como a do grupo de leitura. “Esse grupo é mais simples. A gente organiza alguns eventos culturais. Vai quem tem interesse e quem pode”, explica.

De acordo com ela, teve passeio com apenas duas pessoas (ela e Beatriz), mas também teve com mais de dez pessoas. “Foi durante uma visita ao CCBB (Centro cultural Banco do Brasil)”, comenta.

Além da imersão em mundo mais abstrato, os grupos renderam às suas integrantes, outras oportunidades. “Apesar de todas serem da Supde, eu não tinha contato mais próximo com as outras, por serem de divisões diferentes. O grupo é uma oportunidade interessante de aproximação, de fazer novas amizades”, conta Beatriz.

“Outra coisa que decidimos é que cada encontro seria em um espaço diferente”, explica Simone. Lugares como o Bistrô Cafeína, em Copacabana, e a cafeteria Starbucks, do Centro, já receberam reuniões do grupo. E, claro, tão clássica quanto os livros, a Confeitaria Colombo, também no Centro, não poderia ficar de fora do roteiro. O local abrigou, no ano passado, a discussão sobre “Senhora”, de José de Alencar.

Apesar de declarar que grupo pequeno é melhor, Simone alivia e informa que o “Sentimentos clássicos” aceita novos integrantes e a próxima reunião já tem até pauta prevista: além de mais um livro, terá também a leitura e discussão sobre essa matéria da GPS.

## ÉRAMOS TRÊS

*Escritório do Serpro em Aracaju começou com trio de empregados, em 1979*

Com três empregados, começou o escritório de Aracaju, em 1979. A sala era alugada em uma loja de móveis no centro da cidade. Os primeiros trabalhos foram prestados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), às polícias Federal e Rodoviária, à antiga Companhia de Processamento de Dados de Sergipe (Prodase) e à Caixa Econômica Federal (CEF). Nessa época, além do processamento dos dados da CEF, uma das principais atividades era o cadastramento do Imposto Territorial Urbano (IPTU) da Prefeitura de Aracaju, trabalho que durou até 1983.

Em 1990, o escritório sofreu a extinção das áreas de produção, digitação e conferência, fato que quase provocou a suspensão das atividades. Mas após esse



Aracaju conta com 15 empregados

período difícil, o escritório cresceu, mudou de endereço algumas vezes e expandiu seus serviços. Expansão que soa bastante familiar ao empregado do Serpro no escritório de Aracaju, Adalberto Oliveira: “Comecei no escritório como guarda de segurança, passei por várias funções e hoje sou auxiliar de informática. Atualmente, entre outras atividades, cuido também da certificação digital”.

Hoje são atendidos, por exemplo, além da Receita Federal, a Superintendência de Administração do Ministério da Fazenda (Samf), a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN) e o Departamento Nacional e Infraestrutura de Transportes (Dnit). Para atender a essa demanda, o escritório conta com 15 empregados que exercem suas atividades ou diretamente nas instalações dos clientes, ou no atual endereço sede do escritório, recém-reformado, no centro de Aracaju.

### “Nem vou fazer propaganda”

Alexandre Loureiro, chefe do escritório, destaca o excelente relacionamento da equipe como facilitador do desempenho da unidade: “Vivemos em família aqui. Sempre fazemos confraternizações, saímos para um chopinho, uma pizza”, comenta. E integração parece ser mesmo a palavra-chave para definir o trabalho desenvolvido em Aracaju. “Procuramos agir de forma coordenada com a Regional Salvador, sempre afinados com as diretrizes definidas nas reuniões gerais”, afirma ele. Para ele, trabalhar na capital sergipana é um privilégio. “A qualidade de vida aqui é muito boa. Nem vou falar muito sobre isso pra não fazer propaganda demais e todo mundo querer vir pra cá. Aí já era...”, diverte-se o carioca Alexandre, que chama a cidade de “capital com jeitinho de interior”. ■



Saiba mais sobre Aracaju:

<http://www.aracaju.se.gov.br>

 Você Sabia?

### A Ponte do Imperador

Localizada próximo do escritório do Serpro, a Ponte do Imperador é um importante ponto turístico de Aracaju. A ponte, que na verdade é um ancoradouro, foi construída em madeira pelo governo sergipano em 1860, para receber o Imperador D Pedro II e a imperatriz Dona Tereza Cristina. A obra, além de causar uma boa impressão durante a recepção ao imperador, foi necessária para facilitar o acesso das pessoas que chegavam a Aracaju de navio e eram obrigadas a descer em pequenos barcos para, daí, serem carregadas por escravos até a terra firme.





## EQUIDADE NO CONSERPRO

*Desde a primeira edição do ConSerpro, em 2004, mulheres têm presença garantida entre os premiados.*

A maior empresa pública de tecnologia da América Latina mostra que, na contramão do que afirmam pesquisadores, o universo tecnológico não é reserva predominante do sexo masculino. Uma prova disso é o elevado número de mulheres que inscrevem – e são premiadas no Congresso Serpro de Tecnologia e Gestão Aplicadas a Serviços Públicos – ConSerpro.

Criado em 2004 para valorizar e compartilhar experiências e conhecimento que possam ser aplicados na empresa, o Conserpro teve, já em sua primeira edição, quatro trabalhos premiados que foram escritos por mulheres – individualmente ou com colegas. E dois deles foram premiados em primeiro lugar: “Forense computacional”, escrito por Maria do Carmo Soares de Mendonça e “Modelo de referência para melhoria do processo de software”, defendido por Pollyana Lima. Desde então, não cessou a participação feminina e, em todas as edições, houve presença das mulheres entre finalistas e premiados.



**Conheça todos os trabalhos inscritos e premiados no ConSerpro:**

<http://www.anaisdoconserpro.serpro.gov.br>



Lisley Paulela: “Em nenhum momento fez diferença o fato de ser mulher para essa conquista”

“A premiação feminina no ConSerpro pode ser explicada pela competência e qualidade técnica dos trabalhos apresentados pois, durante a análise e seleção, os jurados não tomam conhecimento de quem são os autores dos artigos e julgam tão somente pela inovação, aspecto técnico e aplicabilidade a empresa”, explica Fabrício Gaspar, da UniSerpro. Quem também compartilha a opinião de que ser mulher não faz diferença no ConSerpro é Lisley Paulela, que na edição de 2008 em Fortale-

za, faturou o primeiro lugar na categoria Sistemas Estruturadores com o trabalho Porto sem Papel.

“A sensação de ganhar um prêmio tão importante como o ConSerpro é maravilhosa e, para essa conquista, em nenhum momento fez diferença o fato de ser mulher. O que é necessário é fazer um ótimo trabalho” afirma Lisley, cuja opinião é de que o papel da mulher no Serpro está bem sedimentado: “o importante é o profissionalis-



Lizandra Bays: “não percebi qualquer distinção por ser mulher na área de tecnologia”

mo, a dedicação e competência para desempenhar as atividades designadas”, completa.

### “Não existe o papel da 'mulher-informata'”

Se no mercado tecnológico a sensação que se tem é de desigualdade, no Serpro o clima é outro. É assim que pensa Francisca Juscivânia, analista da Regional Forta-

leza que, em 2005, na edição carioca do ConSerpro, conquistou prêmio na categoria Segurança com o trabalho “Autenticação forte no sistema operacional GNU/Linux”.

“Embora a área de TI seja dominada por homens, não vejo muito esse lado de guerra dos sexos. Acho que o

ambiente é mais de colaboração. Inclusive esse trabalho foi realizado em coautoria com mais dois colegas de equipe, Daniel e Gerson” explica Juscivânia. “Eu me sinto parte de uma equipe premiada e isso é gratificante. Aqui no Serpro, somos selecionadas por concurso público, os candidatos são avaliados pelo conhecimento e isto não depende de gênero”, completa Juscivânia.

Lizandra Bays, analista da Supde em Porto Alegre, que em 2008 levou o primeiro prêmio com o trabalho “Marathon”, questiona qual seria o papel da mulher no campo da informática: “não é o mesmo de qualquer profissional? Não existe homem-informata ou mulher-informata. O papel é informata”, categoriza Lizandra.

“Acho que as mulheres conseguem desempenhar bem suas funções profissionais e até vejo que pode haver falta de confiança ou falta de reconhecimento. A mulher profissional ainda é esquecida, não é priorizada, tem de se mostrar mais e provar suas competências. Isso não é diferente no Serpro, mas talvez seja menos crítico por ser empresa pública e existir plano de carreira”, declara.

### Igualdade x Preconceito

Enquanto nas empresas públicas o cenário parece ser o de igualdade, o mesmo pode não acontecer em outros ambientes. “Acho que a iniciativa privada ainda não está totalmente adaptada à presença da mulher na área de tecnologia”, opina Juscivânia. “No Serpro, não sinto nenhum tipo de discriminação, embora ache importante iniciativas como o Programa de Equidade de Gênero, até mesmo para inibir avaliações que possam conter discriminação”, explica ela.

“As mulheres têm de mostrar seu trabalho para serem lembradas, têm de pedir aumento de salário para re-



Livia Brito: "Ser mulher é indiferente, o trabalho é de raciocínio lógico"

ceberem e tem de provar que são capazes", opina Lizandra. Já Livia Brito, de Recife, autora do trabalho "Framework para consultas WAP" premiado na edição do ConSerpro 2006 em Salvador, considera que "o fato de ser mulher é indiferente na área de tecnologia, já que o produto do trabalho é o raciocínio lógico". De acordo com ela, no campo da informática não há distinção entre homens e mulheres. "Embora possa

haver ainda preconceito por parte de algumas pessoas", afirma.

Opiniões à parte, a presença das mulheres no ConSerpro é garantia certa. Seja na organização do evento ou na disputa acirrada dos prêmios, o sexo não é fator de exclusão ou beneficiamento, pois o que vale é a qualidade técnica do trabalho. E uma sensação é

igual para ambos os lados: a gratificação de faturar o prêmio no ConSerpro. "O reconhecimento por nosso esforço de transformar ideia em uma solução de verdade e, por isso, participar do ConSerpro foi uma das coisas mais legais que aconteceram na minha vida", confessa Lizanda. Então, desde já, fica uma grande expectativa de todas as mulheres para a próxima edição do congresso, que será realizado em São Paulo. ■

## Presença feminina

Desde sua primeira edição, em Brasília, o ConSerpro teve trabalhos de mulheres entre os finalistas

